



## VIRA-LATAS NA LITERATURA E NO CINEMA

Pascoal Farinaccio (UFF)

Artigo recebido em 04/04/09

### RESUMO

Este artigo propõe uma aproximação crítica entre o romance **Até o dia em que o cão morreu**, publicado pelo escritor Daniel Galera, em 2003, e o filme *Cão sem dono*, uma adaptação desse romance realizada pelos diretores Beto Brant e Renato Ciasca em 2007. A comparação entre o livro e o filme identifica mudanças substanciais na passagem de uma linguagem à outra: ao passo que a narrativa romanesca apresenta um retrato de geração bastante desencantado e mesmo pessimista, o filme aposta numa representação lírica dos encontros e desencontros amorosos e familiares do protagonista.

**Palavras-chave:** Daniel Galera. Beto Brant. Literatura e cinema.

**Até o dia em que o cão morreu**, romance de Daniel Galera, publicado em 2003, possui um enredo bastante simples: um rapaz de vinte e poucos anos narra, em primeira pessoa, os lances de seu cotidiano cinzento em Porto Alegre, cidade onde vive. A matéria é desprovida de energia: um dia a dia sem grandes novidades, uma vida sob o signo da mais completa apatia, ausência radical de projetos, nenhuma expectativa minimamente animadora em relação ao futuro... Entretanto, esse quadro de desolação é contrastado, em dado momento, pelo surgimento de duas personagens muito especiais: um cão vira-lata e uma bela mulher, com a qual o rapaz irá viver uma experiência amorosa, mais ou menos à sua revelia.

Do início ao fim, o romance é perpassado pela sombra angustiante da morte iminente. Por um lado, trata-se da morte concreta via doença, no caso um câncer, que atinge tanto o cão vira-lata quanto a mulher, matando efetivamente o primeiro. Mas há outra morte também, essa de dimensão alegórica, e que diz respeito à falta de ideais e à apatia concernentes a uma grande parcela de jovens dos anos 1990/2000. Como contrapartida à estagnação tem-se apenas, como ainda veremos, o individualismo focado no desejo de consumo.

Ouçamos o narrador: “Meu objetivo, ultimamente, era me preocupar apenas com as coisas que realmente importam, e não são muitas. Pouco mais





## Pascoal Farinaccio

do que cigarros, uma garrafa de cachaça ou vodca no congelador, uma foda de vez em quando"... (GALERA, 2007, p. 13). Essa apatia do narrador é reiterada inúmeras vezes no romance, com o que se instaura uma forte sensação de paralisia, algo como uma morte em vida...

Formado em Letras há três anos, sobrevive de bicos, aulas num desses "cursos falcatura de inglês" e algumas traduções esporádicas, muito mal remuneradas, aliás. Ainda aqui, vale a pena citar o narrador: "Nada me impedia de trabalhar, ou até mesmo disputar uma bolsa de mestrado, exceto a minha falta de vontade, a plena convicção que nada disso me interessava". E mais: "acabei me viciando nessa tranquilidade. São as expectativas que fodem tudo" [...] não tenho interesse nenhum em projetos". (GALERA, 2007, p.64,24,61)

Notoriamente, trata-se de um rapaz que vive uma espécie de adolescência tardia. Embora tenha deixado a casa dos pais, não dá conta de se manter em termos financeiros: "Não sei o que estava pensando quando achei que podia me sustentar sozinho". (GALERA, 2007, p.33) [...] Alguns bicos e as imprescindíveis "ajudinhas" da família para pagar o aluguel etc.. O nosso rapaz faz parte, portanto, daquela imensa e recorrente galeria de personagens do romance brasileiro atual: desempregado pelo sistema, suas intervenções sobre o mundo já nascem sob o signo da apatia e são incapazes de modificar o que quer que seja.

Galera desenha, portanto, sua personagem tendo como pano de fundo nosso universo rarefeito do trabalho legal, que é incorporado à estrutura profunda do romance, *prefigurando* aspectos essenciais das personagens e suas motivações. Acresce ao contexto, como dado perverso da situação social brasileira, o fato de o rapaz ser formado justamente em Letras... Ora, como é bem sabido, as profissões relacionadas à Educação são desprestigiadas em nosso país. Mal remuneradas e caracterizadas pelas precárias condições de trabalho, tais profissões são pouco atrativas para os estudantes de hoje, muitas vezes sendo motivo de desânimo e de um forte sentimento de inferioridade socioeconômica.

Uma eventual leitura de jornal, por sua vez, indica para o protagonista que "tudo continua na mesma". Ao que lhe parece, não é apenas sua vida que, por assim dizer, não sai do lugar, mas a própria sociedade, como um todo, parece se comprazer numa circularidade infernal de fatos que não levam a lugar algum:





## Vira-latas na literatura e no cinema, p. 137 - 145

Peguei o que sobrou do jornal e comecei a folhear. A mesma coisa de sempre. A cada três dias, as notícias se repetem. Dólar subiu ou desceu, o país fez um empréstimo internacional para tranquilizar investidores, alguém foi assassinado, um grave acidente de carro nas estradas, cientistas especulam que algo poderá ser a cura de alguma doença, tal coisa causa câncer, algum time de futebol ganhou de outro e tudo continua na mesma". (GALERA, 2007, p.40)

Entrementes, Marcela, a mulher que surge em sua vida e se torna não uma namorada, propriamente falando, mas, dizendo aqui de maneira talvez mais apropriada, sua "ficante", tem desprezo por aquilo que faz (é modelo profissional), embora não esteja disposta a abrir mão dos benefícios que a carreira lhe propicia. As palavras de Marcela, no que dizem respeito a seus projetos de vida (ao contrário do rapaz, ela alimenta projetos de ascensão social), compõem excelente retrato de uma geração fortemente marcada pela desilusão política (não há vestígio de utopia social no horizonte, evidenciando-se a total renúncia à idéia de transformar a sociedade através da ação política) e pelo individualismo exacerbado, centrado no desejo de consumo:

Eu entendo o teu desprezo por aquilo que faço, ela balbuciou, quebrando o silêncio. Pode me desprezar, não tem problema. Eu mesma quase me desprezo às vezes. Eu me submeto a coisas horrorosas. Ou tu acha que eu gosto de posar para fotos? Vivo cercada de outras mulheres que querem me prejudicar e de paspalhos que querem me levar pra cama como um troféu... [...] Não tenho talento para nada. Mas em poucos anos, tu vai ver, eu vou ter muita grana. Vou comprar um carro e um apartamento, vou conhecer o mundo. Tu não pensa em coisas assim? Hein? (GALERA, 2007, p.22-23)

Poderíamos responder por nossa conta que não... O rapaz rejeita todo projeto, ainda que meramente voltado para o consumo imediato. Daí, aliás, sua identificação com o cachorro vira-lata que encontra um dia na rua e acaba por adotar (o que não implica em afeição genuína e constante, necessariamente, pois vez ou outra o trata com brutalidade, dando-lhe "coices" para fazê-lo silenciar). A identificação com o cachorro nasce de um suposto modo comum de garantir a





## Pascoal Farinaccio

reprodução material da própria existência, como explica: “Era a companhia ideal para mim [...] Assim como ele, eu só queria me adaptar à civilização à medida que isso fosse necessário à minha sobrevivência”. (GALERA, 2007, p.90)

Mas o cão acabará morrendo de câncer. Resta a companhia de Marcela, que também adoece da mesma enfermidade e some por uns tempos em busca de tratamento, o que deixa o rapaz completamente aturdido e desamparado. Observe-se que Marcela é, bem ou mal, a única personagem capaz de mexer com o nosso peixe morto: trata-se aqui, evidentemente, do poder desestabilizador do amor. Em relação à Marcela, essa mulher que à primeira vista lhe pareceu inacessível – “me pareceu uma mulher completamente fora do meu alcance, decalcada de um pôster de cerveja” -, em relação a ela o narrador irá sempre vacilar, temeroso de assumir uma responsabilidade afetiva: não que não gostasse dela, “gostava, até demais”, mas a ideia de que pudesse ter algo como um “relacionamento” lhe provocava... “repulsa”.

Marcela desaparece por um tempo sem dar notícia de si, como dito, para retornar depois, curada e com uma inusitada proposta para o rapaz: ela pretende tentar a vida em Nova York como modelo. Estando já de passagem comprada, propõe que ele a acompanhe na aventura: “... queria muito que tu fosse comigo... tu pega um desses empregos que os brasileiros pegam por lá, tipo entregador de comida, pedreiro, faxineiro, balconista, ah, sei lá, qualquer merda, só não quero que tu venha me dizer que é impossível porque não é”.

Em suma, qualquer subemprego no exterior é preferível a permanecer em um país como o Brasil... Ao que parece, o famigerado *slogan* “país do futuro” perdeu definitivamente a pertinência para a geração atual. Estamos nas páginas finais do romance, uma ligação telefônica em que o narrador cede inteiramente a voz à Marcela. E ela fecha a narrativa com aquela salutar paciência feminina: “Alô, tu tá aí? Me responde. Eu posso esperar, não tem problema. Ahn? Fala pra fora, porra. Isso foi um sim ou foi um não?” (GALERA, 2007, p.99)

Enquanto leitores ficamos sem saber se o rapaz se decidirá por tomar uma atitude ou não... A letargia é sua marca registrada, como visto. E a propósito dessa falta de ideais e projetos há uma percepção explicitada pelo porteiro do prédio do rapaz, e pintor nas horas vagas, o simpático “seu” Elomar. Espécie de intelectual à margem do sistema, “seu” Elomar diz para o rapaz uma frase que, a nosso ver, pode funcionar como uma síntese (ou chave privilegiada de leitura) para o romance todo: “Esse pessoal mais novo, da idade de vocês, tá sempre





meio nervoso, meio perdido, né?” (GALERA, 2007, p.89)

Sem possibilidade de desenvolvermos aqui, e apenas a título de evocação comparativa antes de passarmos ao filme **Cão sem dono**, lembremos, entre parênteses, que uma personagem romanesca (e também cinematográfica) que poderia servir de contraponto crítico ao nosso rapaz é o protagonista do livro **O cheiro do ralo**, de Lourenço Mutarelli. Também aí temos um jovem rapaz solitário, que tem dificuldade de se relacionar com os outros em termos afetivos; ao contrário da letargia que engessa o primeiro, entretanto, este segundo dedica-se a comprar objetos de pessoas em apuros financeiros para depois revendê-los a um preço bem mais alto... É um comerciante bem-sucedido, portanto, mas que só consegue se relacionar com as pessoas através da mediação mercadológica. Como afeto genuíno não se compra, o rapaz termina seus dias em amarga solidão, sentindo-se “colecionado” pelas coisas que colecionara em sua loja... Não se trata aqui de um “vira-lata”, mas de um típico caso de reificação econômica, cujo desenlace é também uma sorte de paralisia e estagnação.

Beto Brant, um dos diretores de **Cão sem dono**, baseado no romance de Daniel Galera, é um cineasta que trava, já há um bom tempo, um diálogo criativo com a produção literária. São exemplos os seus filmes **Os matadores** (1997) e **O invasor** (2001), ambos adaptados de textos do escritor Marçal Aquino e o mais recente, e em todos os sentidos excepcional **Crime delicado** (2006), cujo ponto de partida é o romance homônimo de Sérgio Sant’Anna. Em colaboração com Renato Ciasca ele filma, em 2007, a adaptação da qual passamos a tratar agora. Fiel e infiel ao mesmo tempo, a adaptação, em relação ao livro, é *efetivamente outra obra*, com características estéticas e mesmo ideológicas originais, não similares às do texto de partida.

O filme dá um tratamento, digamos, mais “intimista” ao drama da personagem. Já na primeira cena vemos o rapaz (não nomeado no romance, e chamado *Ciro*, no filme) transando com sua namorada *Marcela* na varanda de seu pequeno apartamento. E será nele, entre suas quatro paredes, que a maior parte do filme se desenrolará. Pouquíssimos móveis, alguns livros espalhados, um colchão apoiado diretamente sobre o chão compõem o cenário de diversas cenas de sexo, diálogos, cantorias com acompanhamento de violão etc.. Há um adensamento, em relação ao livro, da experiência amorosa do casal.

E há algo de muito simpático aí também: a possibilidade de o amor acontecer entre jovens à primeira vista muito diferentes, de formações diversas,





## Pascoal Farinaccio

expectativas e desejos conflitantes. Involuntariamente, lembramos da letra da canção de Renato Russo, “Eduardo e Mônica”: mesmo tendo “tudo diferente”, Ciro e Marcela precisam um do outro e de certa forma se completam “como arroz e feijão”. Ciro (representado pelo ator Julio Andrade), sempre desleixado, de bermuda e com a barba mal feita, descrente de tudo e vivendo de bicos, sem maiores ambições, e Marcela (a belíssima atriz Tainá Müller), uma ambiciosa modelo que quer ganhar muito dinheiro e conhecer o mundo viajando. Casal improvável, mas que se efetiva...

Numa das cenas no quarto, Marcela pergunta a Ciro “o que é a vida se não sonhar?” Ao que ele responde: “É viver”. E, ato contínuo, propõe: “viver aqui neste momento”. A falta de expectativas de Ciro às vezes funciona como um contraponto realista às ambições de Marcela. Em outra cena, a moça pede a Ciro que faça uma poesia para ela. Ele começa com alguns versos, mas depois desiste em grande estilo: “Não precisa de poesia, tu é a própria poesia”. E Marcela, também inspirada, busca ler a alma do amado: “No segredo do teu quarto, tu guardas segredos jamais atingidos”. Tais diálogos, inexistentes no romance, criam uma atmosfera de cálida intimidade.

A relação do rapaz com o cão vira-lata também sofre alterações. Também nesse caso o filme cria uma relação mais afetiva. Não há “coices” e os planos noturnos em que vemos o rapaz andando pelas ruas, às vezes embriagado, seguido de perto pelo cão, são extremamente simpáticos, não faltando neles também uma pitada de humor. E, por fim, quando o cachorro afinal morre, há a comovente cena (inexistente na narrativa literária) em que vemos Ciro cavando o chão para enterrar o antigo companheiro (seu “amigo”, pois, como explica à sua mãe, ele não é “dono” do animal – daí, aliás, “cão sem dono” -, mas tão-somente seu “amigo”, sem maiores responsabilidades...).

O filme dá grande destaque às relações familiares de Ciro, pouco exploradas no romance. Há várias seqüências em que o rapaz almoça com os pais, num bate-papo amistoso. Há mesmo a cena de um churrasco, em que vários parentes de Ciro estão presentes e o clima geral é de alegria e camaradagem. A aproximação com a família torna-se mais intensa após o sumiço de Marcela, que se afasta para tratar de sua doença. Após um período conturbado, em que Ciro em vão a procura e termina por mergulhar no alcoolismo, sua família o resgata e ele volta a morar com os pais.

Segue-se, em ritmo acelerado, uma série de cenas que mostram a





## Vira-latas na literatura e no cinema, p. 137 - 145

recuperação de *Ciro*: sua aparência física melhora (o rapaz faz a barba, veste-se melhor), começa a praticar esportes (podemos vê-lo numa partida de futebol), volta a divertir-se (sai para dançar e namorar) e, o que parecia em princípio impensável, arruma um emprego numa livraria... Nada disso está presente no romance.

Uma cena com o pai merece menção. Trata-se de episódio em que o pai conta uma história de seu passado para o filho, revelando-lhe um segredo. Conta que, quando ainda muito jovem, começara a usar cocaína para estimular o seu rendimento no empreendimento comercial que iniciara com parentes: sob o efeito da droga, conseguia trabalhar quinze, dezesseis horas por dia sem parar... O que começara como um estimulante profissional, entretanto, logo se torna um vício incontrolável, com conseqüências funestas para sua vida pessoal. Acaba abandonado pela mulher, que some de sua vida levando consigo o filho de ambos (no caso, *Ciro* quando ainda uma criança pequena).

Quando se dá conta da perda, o pai de *Ciro* procura se reabilitar. De fato, aos poucos consegue se livrar da dependência química e reatar seu casamento, reconquistando a confiança da esposa. Aos poucos, como diz, as coisas foram retornando aos eixos. E “quando a gente acha o eixo, a vida toda ganha sentido”. *Ciro* ouve atentamente a confissão do pai.

Podemos ler esse episódio numa chave benjaminiana. Trata-se aqui da transmissão de conhecimento de uma geração à outra. O pai tem algo de importante para ensinar ao filho. E o faz através de uma narrativa oral. Uma narrativa com poderes curativos...

Enfim, o filme, tal como o romance, se encerra com o telefonema de *Marcela*. Depois de longa ausência ela retorna. Conseguira vencer o câncer. E propõe a *Ciro* que ele a acompanhe para *Barcelona*, onde arrumara uma oportunidade de trabalho como modelo... Assim como no romance, não ficaremos sabendo se o rapaz aceitará ou não a proposta de *Marcela*; antes de sua resposta, entram os créditos finais na tela... Entretanto, vemos que ele esboça um pequeno sorriso, como a indicar que aceitará, sim, a proposta que a moça acaba de lhe fazer... Mas é apenas, claro está, uma hipótese que fazemos aqui...

Em face do que foi aqui comentado em perspectiva comparativa, supõe-se que se possa concluir, em princípio, que o romance é mais “crítico” do que o filme. Com efeito, o livro é sem dúvida nenhuma mais amargo, mais pessimista,





## Pascoal Farinaccio

propondo um retrato desolado de uma geração vista primordialmente como apática e individualista. Observe-se, aliás, que a frase de “seu” Elomar – “esse pessoal mais novo, da idade de vocês, tá sempre meio nervoso, meio perdido, né?” -, a qual comentamos anteriormente, não comparece no filme.

A nosso ver, entretanto, na passagem do livro ao filme não há perda da potência crítica. **Cão sem dono** não negligencia os problemas da nova geração, espremida entre a falta de ideais coletivos e o apelo do consumo desenfreado. Ao fazer uma leitura mais lírica da questão, todavia, parece apostar ainda na força revigorante do amor, das ligações afetivas entre as pessoas, no diálogo ainda possível entre pais e filhos, abrindo assim uma porta onde parecia não haver nenhuma.







## MONGRELS IN LITERATURE AND IN THE CINEMA

### ABSTRACT

This article proposes a critical approach between the novel **Até o dia em que o cão morreu**, published in 2003 by writer Daniel Galera and the film **Cão sem dono**, an adaptation of the novel performed by directors Beto Brant and Renato Ciasca. The comparison between the book and the film identifies substantial changes in the transition from one language to another: while the novel presents a very disenchanted and even pessimistic generational portrait, the film proposes a lyrical representation of the protagonist's adventures and misadventures in love and with family.

**Keywords:** Daniel Galera. Beto Brant. Literature and cinema.

### REFERÊNCIAS

GALERA, Daniel. **Até o dia em que o cão morreu**. São Paulo, Companhia das Letras, 2007.

Cão sem dono. São Paulo, 2007. Direção de Beto Brant e Renato Ciasca. Roteiro: Marçal Aquino, Beto Brant e Renato Ciasca baseado no livro **Até o dia em que o cão morreu**, de Daniel Galera. Fotografia: Toca Seabra. Montagem: Manga Campion. Elenco: Júlio Andrade, Tainá Müller e outros.